

Os Sertões, de Euclides da Cunha e *Mensagem*, de Fernando Pessoa:
Uma Leitura Sebastianista¹

*Vanusa da Mota Santana*²

RESUMO

Este presente estudo objetiva mapear traços sebastianistas presentificados nas obras: *Os Sertões*, de Euclides da Cunha refletindo como esta construção prosaica apresenta elementos da crença na volta do rei encoberto, estabelecendo um diálogo direto com as tradições portuguesas transferidas ao longo do processo de colonização do Brasil. E *Mensagem*, de Fernando Pessoa que reflete, através da construção poética, o mito sebastianista propondo a decifração nos sinais concretos do mundo e da história o significado do destino oculto que teria se condensado na história portuguesa.

Palavras-chave: *Os Sertões*, *Mensagem*, Sebastianismo

Considerações iniciais

Em situação de grave crise, o indivíduo procura alternativas para superar seus medos, ou seja, tudo que o atinge de alguma forma. É justamente neste tipo de sentimento, ocasionador da crença da proximidade do período final dos tempos, que surge o Messianismo uma espécie de veneração necessitante de um ápice libertador dos problemas, o salvador (messias), que libertará uma comunidade em perigo.

Tais aspectos refletem no místico movimento ocorrido em Portugal na segunda metade do século XVI, conhecido como sebastianismo, que é basicamente uma espécie de messianismo em torno do rei D. Sebastião.

¹ Texto resultante da pesquisa realizada para o componente curricular Cânones e contexto na Literatura Portuguesa ministrado pelo profº Drº Paulo Assis de Almeida Guerreiro – Universidade do Estado da Bahia, Campus V.

² Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus V. E-mail vanusamota1@hotmail.com

O movimento sebastianista surge em consequência da morte do Rei D. Sebastião na batalha de Alcácer Quimber em 1578 na tentativa de expandir os domínios portugueses na África, porém o corpo do rei nunca foi encontrado. Depois do ocorrido fato, o trono português passa para o domínio Espanhol Felipe II. O povo português nunca aceitou este episódio alimentando a hipótese de D. Sebastião estar vivo aguardando o exato momento de libertar Portugal do poderio estrangeiro.

Esta hipótese se transforma na lenda alimentada gradativamente pelos portugueses. Os principais divulgadores foram os poetas: Bandarra, com seus inúmeros versos produzidos clamando o retorno do tão desejado rei; e o Padre Vieira, também produtor de textos divulgando e clamando a volta de D. Sebastião. Em 1640, quando Portugal se torna independente, o movimento começou a moderar.

No Brasil, mais precisamente no interior do Nordeste, percebe-se o reflexo deste movimento com a crença na chegada de um rei, ser soberano para aliviar as inconformidades das condições de vida local. É justamente neste clima que surge a devoção em volta de Antonio Conselheiro iniciando uma espécie de messianismo semelhante as condições lusas e adaptada ao contexto nordestino.

Partindo destas discussões, propõe-se a leitura da presença sebastianistas nas obras: *Os Sertões*, de Euclides da Cunha e *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

Aspectos do Mito Sebastianista em *Os Sertões*. Canudos e Antonio Conselheiro

A realidade traçada por Euclides em *Os Sertões*, refere-se a região de Canudos no Sertão nordestino (Bahia). Logo no primeiro capítulo, *A Terra*, o autor retrata a geologia e o meio físico do Sertão baiano através do estudo do solo, da flora, da fauna e do clima demonstrando a precária situação do homem perante a seca e a sua constante saga nos períodos críticos do ano. Na segunda parte, *O Homem*, reflete sobre a formação do homem americano, a formação racial do sertanejo como também a mestiçagem resultante das características das três raças formadoras da consciência brasileira: o índio, o europeu e o negro. Ainda nesta parte, emerge a figura do chefe da revolta, Antonio Conselheiro, o sertanejo que representa todos os revoltados da região de Canudos. Na terceira e última parte, *A Luta*, narrou a guerra de Canudos como a junção dos fatores naturais, étnicos e históricos.

A descrição euclidianda da terra e da relação homem e meio leva a construção imagética de uma situação de vida deplorável do povo na região de Canudos. Euclides compõe este retrato de modo a justificar a ansiedade do povo por sua sobrevivência. Toda essa situação de miséria leva a população a apelar para a divindade suprema para aliviar os dolorosos dias de sofrimento e para isso, acreditam eles, que precisam ser redimidos de seus pecados, pois só assim alcançará as benevolências divina.

Antonio Conselheiro aparece, neste contexto, com uma forma peculiar de vida, em eterno estado de penitencia. O seu modo rústico, desprovido dos bens materiais leva aquela população a admirá-lo, a se convencer que ele é a representação do Deus vivo, o ser que arrefecerá os problemas de Canudos. Inicia-se, a veneração a Conselheiro surgindo os primeiros fiéis, e este se transforma no representante da fé, realizador de milagres. Aos poucos, este homem passa de um simples fanático religioso a uma autoridade, líder de uma revolução que mudaria a história de Canudos.

A sua entrada nos povoados, seguido pela multidão contrita, em silencio, alevantando imagens, cruzes e bandeiras do Divino, era solene e impressionadora. Paralisavam-se as ocupações normais. Ermava,-se as oficinas e as culturas. A população convergia para a vila onde, em compensação, avultava o movimento das feiras; e durante alguns dias, eclipsando as autoridades locais, o penitente errante e humilde monopolizava o mando, fazia-se autoridade única. (CUNHA, 1985, p.201)

Observa-se que em *Os Sertões* a referência ao sebastianismo se relaciona ao retorno de D. Sebastião, que virá com glória e majestade para salvar a população sofrida. Este ideário aparece como fundamentação metódica da grande veneração em torno de Conselheiro e da grande crença daquele povo em conseguir a libertação de sua vida padecedora. Neste sentido, o Conselheiro é o representante vivo daquele que virá para concretizar as suas previsões.

A grande inconformidade do representante do povo de Canudos consiste na permanência da Republica que, segundo ele, é a instalação da desordem do país; é a personificação do Anticristo. Sentimento que faz o povo, liderado por Conselheiro, se revoltar com a situação política vigente no país, culminado com a eclosão da revolução local. Vale ressaltar que de acordo com as profecias apocalípticas, o anticristo é um

personagem que surgiria antes do fim do mundo, para semear a discórdia até ser derrotado pelas forças superiores do Divino

O rebelado arremetia com a ordem constituída porque se lhe afigurava iminente o reino de delícias prometido. Prenunciava-o a *República – pecado mortal de um povo – heresia suprema indicadora do triunfo efêmero do Anticristo* (grifo meu) (CUNHA, 1985, p.201)

Alguns trechos citados em *Os Sertões*, de origem popular, retratam o sentimento de inconformidade do povo nordestino, mais especificamente da região de Canudos, em relação a política e ao funcionamento do Brasil como um todo. No registro, o povo reclama a queda da monarquia, pois com este fato, segundo eles, o Brasil perdeu a ordem antes tida com o reinado de D. Pedro:

Sahiu D. Pedro segundo
Para o reino de Lisboa
Acabosse a monarquia
O Brasil ficou atôa
(CUNHA, 1985, p.250)

Daí subentende-se o tão sonhado retorno de D. Sebastião: para impor a ordem e instaurara a paz local. E Conselheiro é exatamente o representante desta profecia, mesmo por que ele é um monarquista. Assim, há a revolta em relação à República, que é considerada a lei do cão.

D. Sebastião já chegou
E traz muito regimento
acabando com o civil
e fazendo os casamento

Visita vem fazer
Nosso Rei D. Sebastião
Coitado daquele pobre
que estiver na lei de Cão!
(Cunha, 1985. p.50)

Caberia a Conselheiro a tarefa de libertar Canudos da lei do cão e derrotar o anticristo: A República:

Nassio o Antecristo
p.a o mundo governar
ahi estar o concelheiro
p.a dele nos livrar
(Cunha, 1975:58)

Neste sentido, Conselheiro aparece no contexto como preparador dos caminhos que traz o D. Sebastião o desejado instaurador da ordem e promotor da paz

Verifica-se, portanto, que o grupo liderado por Conselheiro profetiza o regresso de D. Sebastião, com todo o seu exército surgido das ondas do mar para a consolidação de uma vida fundamentada na referência divina. Dessa forma, pode-se afirmar que o movimento de Canudos encontrou a situação favorável para atrair os corações que necessitavam de um símbolo para direcioná-los, descobrindo essa figura na representação de Conselheiro amparado nas promessas do misticismo sebastiânico.

Euclides faz referência, também, a outro movimento ocorrido no Sertão nordestino e que dialoga diretamente com a tradição portuguesa no que diz respeito ao movimento sebastianista: o caso da Pedra Bonita em que João Antonio dos Santos pregava o ressuscitamento de D. Sebastião se as rochas fossem lavadas com o sangue das crianças, pois só assim aquele povo alcançaria o reino encantado de D. Sebastião. Observa-se que o fanatismo vai justificar atos de violência, tudo em torno de uma fé convicta naquele que é tido como o ser superior para quem se pode, ou deve, realizar sacrifícios. “Um mameluco ou cafuz, um iluminado, ali congregou toda a população dos sítios vizinhos e, engripando-se à pedra, anunciava, convicto, o próximo advento do reino encantado do rei D. Sebastião” (EUCLIDES, 1985, p.201)

0 Místico Nacionalismo de Caráter Sebastianista: *Mensagem*, de Fernando Pessoa

O livro *Mensagem*, de Fernando Pessoa, traz uma organização de poemas de modo fragmentado, mas que no seu conjunto revelam o elogio de caráter épico a Portugal revelando a história do país ao mesmo tempo em que envereda por um nacionalismo místico de característica sebastianista. O livro está dividido em três partes: Brasão, Mar

português e O Encoberto. Para o estudo, realizado aqui, selecionou-se seis poemas: “A última Nau”, “O Desejado”, “O Bandarra”, “Antônio Vieira” “(Screvo meu livro à beira-mágoa...)” e “Nevoeiro”, no intuito de observar as referências sebastianistas presentes nas produções deste autor.

No poema *A última Nau*, Fernando Pessoa, através da arquitetura poética, reconstitui o mito sebastianista retratando a partida de D. Sebastião “Levando a bordo El Rei D. Sebastião,/ [...] foi-se a última nau” (PESSOA, 1998, P.65). O autor não poderia utilizar outro meio de locomoção para representar, em sua poesia, a partida do El-rei já que o mar tem uma grande representatividade para esta nação: é a extensão de seu território, meio pelo qual Portugal obteve suas glórias e consagrou-se império. E uma figura tão importante para a mitologia portuguesa deve ser apresentada a caráter e sua “viagem” ocultista fez-se por mar, supõe o poeta. Demonstra, ainda, que o destino desta viagem permanece no desconhecimento: “A que ilha indescoberta Aportou?” (p.65). Não se sabe também o momento do retorno, a única convicção é o retorno do viajante ilustre que trará consigo o pendão do Império: “Não sei a hora, mas sei que há a hora /[...] Surges ao sol em mim, e a nevos finda:/ A mesma, e trazes o pendão ainda/ Do Império” (p.66)

Em *O desejado*, o próprio título demonstra a intencionalidade e o posicionamento do poema: a veneração e invocação a D. Sebastião, que apesar de não explicitar o nome do rei, deixa claro a mensagem dos versos: ele (D. Sebastião) é invocado como a Eucaristia Nova. Vale ressaltar que no universo católico, a Eucaristia tem uma forte significação, pois representa o corpo vivo de Cristo; e no poema o eu lírico não se intimida em estabelecer a comparação com a Eucaristia acrescentando, ainda, que o desejado é a Nova Eucaristia, ou seja, além de comparar um símbolo cristão de alta significação religiosa, amplia o significado elevando ao máximo patamar de existência metafísica o El-Rei D. Sebastião: “Vem Galaaz com pátria, erguer de novo,/ Mas já no auge da suprema prova, a alma penitente do teu povo/ À Eucaristia Nova.”(p.78)

Na terceira parte do livro, capítulo II, intitulado *Os Avisos*, observa-se a composição do capítulo por três poemas: *O Bandarra*, *Antonio Vieira*, e o terceiro (*Screvo meu livro a beira – mágoa...*), respectivamente.

O poema *Bandarra*, como o próprio título sinaliza, faz referência ao poeta Bandarra um dos principais divulgadores do Sebastianismo através das suas produções. Percebe-se na construção poética de Pessoa, a descrição de Bandarra como aquele que sonhava com o Império português, a supremacia do país. “Sonhava, anônimo e disperso,/ o Império por

Deus mesmo visto”. (p.83) Ao término do poema há a sinalização da admiração do Bandarra por Portugal, declarando que o coração do Bandarra é o próprio país, representando o “nós português”: “Este, cujo coração foi/ Não português mas Portugal” Tal referência ao Bandarra, justifica-se por este ser um dos anunciadores do movimento sebastianista.

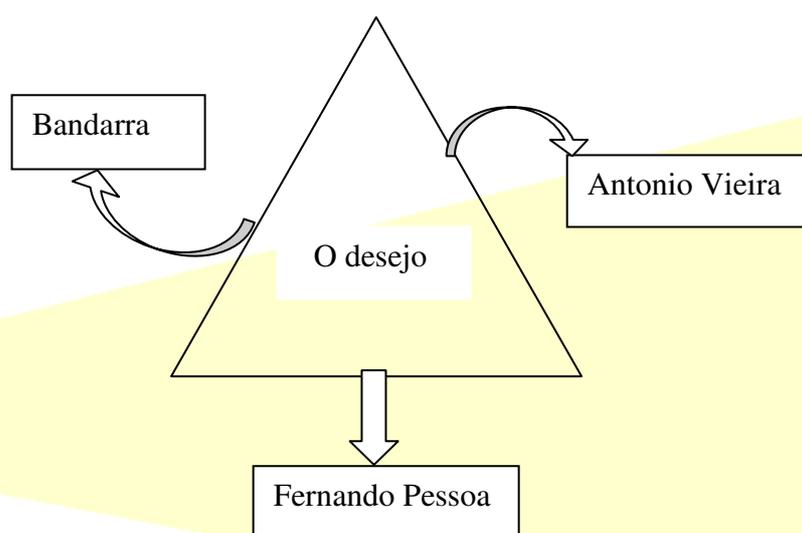
O poema *Antonio Vieira* situa outro principal divulgador do sebastianismo, o padre e escritor Antonio Vieira, colocado como o imperador da língua portuguesa, o poema explicita também, a presença sebastianista nas produções do Padre Vieira ao afirmar que no seu espaço de meditação há prenúncios do tão esperado rei: “No imenso espaço seu de meditar/ Constelado de forma e de visão/ surge prenuncio claro do luar,/ El-Rei D. Sebastião”(p..84)

O terceiro poema do capítulo, curiosamente, não possui título. O espaço destinado para tal finalidade está vazio, a sua identificação no sumário consiste no primeiro verso da primeira estrofe. Interessante no poema é a referência a primeira pessoa do singular, como que no tom confessional do estado do eu lírico. Partindo do pressuposto de que o eu lírico se refere ao próprio poeta, a terceira pessoa a constituir a sequência de poema desse capítulo é o próprio Fernando Pessoa, fato lógico, pois o poeta aderiu e anunciou, como o próprio capítulo sugere, o sebastianismo num tom nacionalizante: “Screvo meu livro à beira-mágoa,/ meu coração não tem que ter/ tenho meus olho quentes de água/ Só tu, Senhor, me dás viver”.(p.85). Na construção do poema observa-se a profecia do retorno do desejado, mas há a necessidade expressa de saber a exatidão de sua volta, fato que é o almejo daqueles que acreditam nos benefícios que viriam junto com ele: “Quando é o rei? Quando é a hora? [...] Ah quando quiserás voltando/ Fazer minha esperança amor?! Da névoa e da saudade quando?/Quando meu sonho e meu Senhor.” (p.85)

Na quarta estrofe do poema em questão há, mais uma vez, a expressão do desejo do retorno do desejado, um almejo que não é só de cunho individual, mas de toda a nação portuguesa, dando voz novamente ao “nós português”. “Quando virás, ó Encoberto,/ sonho das eras português”(p.85).

O curioso deste capítulo *Os avisos* (e a maior parte do livro como um todo) é a sua composição de apenas três poemas em que, cada um, de acordo com a leitura deste artigo, faz referência as pessoas que direta ou indiretamente acreditaram e anunciaram o retorno do Rei D. Sebastião, proclamando todos os benefícios que seriam estabelecidos com a sua volta. Neste sentido, Fernando Pessoa constitui mais um símbolo que compõe a sua obra

mística de caráter sebastianista: constrói a figura trigonométrica ao passo que há três pessoas (Bandarra, Antonio Vieira e o próprio Fernando Pessoa) com um único desejo: a crença no retorno do El-Rei D. Sebastião e junto com ele o poderio português. Estaria Fernando Pessoa associando mais uma vez um símbolo religioso para expandir o seu desejo? Sabe-se que no mundo católico, o triângulo representa a Santíssima Trindade: As três Pessoas em um só corpo. E a constituição do capítulo está estruturada com as três pessoas (Bandarra, Antonio Vieira e Fernando Pessoa) num único desejo: o retorno de D. Sebastião. Imagetivamente:



Fernando Pessoa estaria na base deste triângulo, pois é ele quem, na obra, estrutura os elementos constituintes do desejo expresso pelos demais: a crença no retorno de D. Sebastião proclamado através dos avisos concretizados em seus poemas.

O último poema de *Mensagem: Nevoeiro* retrata o estado de toda a nação sem o rei: um local lamentável em processo de entrestecimento onde as coisas entram em processo de paralisação: “Nem rei, nem lei, nem paz nem guerra,/Define com perfil e ser/Este fulgor baço da terra/ Que é Portugal a entristecer”. Todo o poema mostra a unanimidade de sentimento em relação a Portugal sem o grande rei: lugar turvo em que as coisas e as pessoas não se relacionam bem, nada mais tem sentido porque tudo é incerto: “Tudo é incerto e derradeiro./ [...] Tudo é disperso, nada é inteiro/ Ó Portugal, hoje és nevoeiro...” (p.95). O poema transparece construir uma fotografia de Portugal sem o retorno de D. Sebastião: Composição sem nitidez, sem brilho, com a imagem desfocada.

OS SERTÕES E MENSAGEM: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trata-se de duas obras distintas. *Os Sertões* de caráter prosaico e *Mensagem* de constituição poética. Apesar das diferenças de linguagem, as obras trabalham com um elemento em comum: a abordagem sebastianista que ganham e/ou perdem características em cada uma das produções.

Percebe-se que em *Os Sertões*, a temática sebastianista aparece através de imagens que fundamentam o discurso de um homem (Antonio Conselheiro) que conquista a fé das pessoas na região de Canudos, ele aparece como prenunciador e messias do ser maior (D. Sebastião) que vem restaurar a lei e estabelecer a paz local.

Já em *Mensagem* a figura sebastianista aparece tal qual a mitologia portuguesa, defendendo o anúncio e invocação do retorno D. Sebastião para o estabelecimento do Império português. O rei é o desejado e o único capaz de restabelecer o poderio português.

Em ambas as obras, a temática sebastianista está permeada de misticismo. Por ser *Mensagem* escrita por um português, no contexto local dotada de sentimento nacionalizante, a arquitetura poética apresenta a essência profética de decifrar nos sinais concretos do mundo e da história o significado que um destino oculto tinha traçado para o país.

Em *Os sertões*, a temática sebastianista ganha novos elementos adaptados a cultura brasileira, mais precisamente ao contexto nordestino. Há a presença marcante da religiosidade que é o fundamento principal para o propágamento dos ideários políticos. Os vários movimentos messiânicos ocorridos no Nordeste como Canudos e Pedra Bonita (que Euclides faz referência no livro) resgatam em suas crenças a fé na volta do rei encoberto, aquele que irá libertar os mais fracos das injustiças do mundo, estabelecendo um diálogo direto com as tradições portuguesas transferidas ao longo do processo de colonização do Brasil.

Evidencia-se, portanto, que Euclides da Cunha e Fernando Pessoa, ao se referirem ao mito sebastianista presentifica-o, nas suas obras, com o desejo do retorno do Encoberto. Cada autor, porém, retrata uma determinada situação em que o mito, de acordo com o contexto, se desenvolve e desdobra, respectivamente – Portugal e Brasil.

O estudo proposto, portanto, buscou observar as imagens sebastianistas nas obras *Os Sertões e Mensagem*, evidenciando em *Os Sertões* a reatualização do mito sebastianista através dos movimentos messiânicos ocorridos no Nordeste e em *Mensagem* a

reconstituição do sebastianismo em que o autor canta a grandeza de ser português através do jogo de símbolos na sua arquitetura poética.

Referências Bibliográficas

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1985

LUNA, Jairo. **A chave esotérica de Mensagem de Fernando Pessoa**. Disponível em: http://www.jayrus.art.br/Apostilas/Academica/Chave_Esoterica_Mensagem_F_Pessoa.pdf

MOISES, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 1968.

MORAES, Cladismari Zambon de. **A loucura real e visionária de dom sebastião em mensagem**. Disponível em: <http://br.geocities.com/czambon2/artigo4.html>

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

VENTURA, Roberto. **Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na urbs monstruosa**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011997000100006&script=sci_arttext